

IV domingo da Quaresma

Evangelho: Lc 15,1-3.11-32

Neste IV domingo da Quaresma, o Evangelho apresenta-nos a parábola do Filho Pródigo, ou melhor, do Pai Misericordioso. Nela Jesus mostra a sensibilidade do Pai e a Sua, perante nós como pecadores. Enquanto o pecado estraga o sonho de Deus sobre nós e sobre o mundo que nos rodeia, o Pai pela sua misericórdia restaura e melhora este mesmo sonho. No Génesis afirma-se: “O Senhor Deus levou o homem e colocou-o no jardim do Éden, para o cultivar e, também, para o guardar.” Mas nós, pelos nossos excessos, não temos sabido guardar e cultivar este maravilhoso jardim. Temos, muitas vezes, desbaratado esta espantosa herança que com tanto amor nos foi dada.

As atitudes dos três personagens da parábola são símbolo das maneiras de nos relacionarmos connosco mesmos, uns com os outros e com a natureza.

O Filho Mais Novo exige que o Pai lhe dê a parte da herança que lhe toca. Sai de casa e esbanja com os amigos as suas posses. Sente necessidade, passa fome e acaba por ir guardar porcos. Esta não é a nossa imagem, quando pensamos que tudo nos é devido, quando consumismo desenfreadamente, quando sentimos fome de sentido e o desalento nos leva a cultivar os medos que nos habitam? Nestas situações sentimos que a própria natureza parece revoltar-se contra nós. O Filho Mais Novo ao bater no fundo, recorda-se que na casa do Pai nada lhe faltava.

O Filho Mais Velho recrimina o Pai por fazer festa, por matar o vitelo gordo como prémio pela má vida que levou o irmão mais novo. Pelo contrário, ele portou-se sempre bem e nunca recebeu do Pai um cabrito para fazer festa com os amigos. Também nós os “impecáveis”, muitas vezes, não suportamos que os “pecadores” tenham uma vida melhor e mais fácil que a nossa. Quando o nosso coração ressentido se fecha perdemos a capacidade de festejar com alegria a felicidade do irmão. Um coração fechado é a negação da alegria de viver.

O Pai por respeito pela liberdade do Filho Mais Novo reparte a herança com ele. Sofre quando ele sai de casa, mas respeita a decisão. Mas ao regressar, o Pai, que o vê ao longe, enche-se de compaixão, corre e lança-se ao pescoço e cobre-o de beijos. Não deixa que o filho termine as palavras que preparara, e manda que lhe tragam a túnica, o anel e as sandálias; tudo símbolos da reabilitação plena de filho. Faça-se uma festa e um banquete com o que há de melhor em casa: o vitelo gordo. É também o Pai que sai a tentar convencer o Filho Mais Velho de que também é amado «Filho, tu estás sempre comigo e tudo o que é meu é teu. Mas tínhamos de fazer uma festa e alegrar-nos, porque este teu irmão estava morto e voltou à vida.»

O Pai reabilita o Filho Mais Novo aos seus próprios olhos, reconciliando-o com o amor e a vida. Deseja que o Filho Mais Velho se sinta amado e reconciliado com a beleza do regresso do irmão. O banquete, a festa, são símbolos de que todas as coisas participam da reconciliação que a misericórdia do Pai restabelece.

José Carlos Belchior, SJ